

SEGREDO

GREGÓRIO LUCIFER

Antônio de Pádua Barreto Carvalho

Faculdade de Letras

Aos domingos os Cavalos Azuis chegavam às avalanches, de tal maneira que a gente se sufocava e perdia o compasso da respiração e ficava vermelho quando a saudade aumentava e o sangue subia à cabeça exigindo mais forças para suportar o sonho.

Engraçado, houve uma época em que os jornais falavam muito de Cavalos Azuis, aparecendo dentro de geladeiras, latas de biscoitos, caixas-de-fósforos e às vezes até nos próprios bolsos dos meninos. E as donas de casa ficavam assustadas quando encontravam um cavalinho azul boiando no café que ia ser servido às visitas ou no próprio leite das crianças...

Um dia imaginamos que a terra seria invadida por eles. Então combinamos de nos reunirmos dali a três meses na pracinha principal, para concretizarmos o planejado. A gente teria que fechar os olhos com muita força, para que viessem em batalhões, tal qual os soldados que víamos partindo para a guerra em outubro.

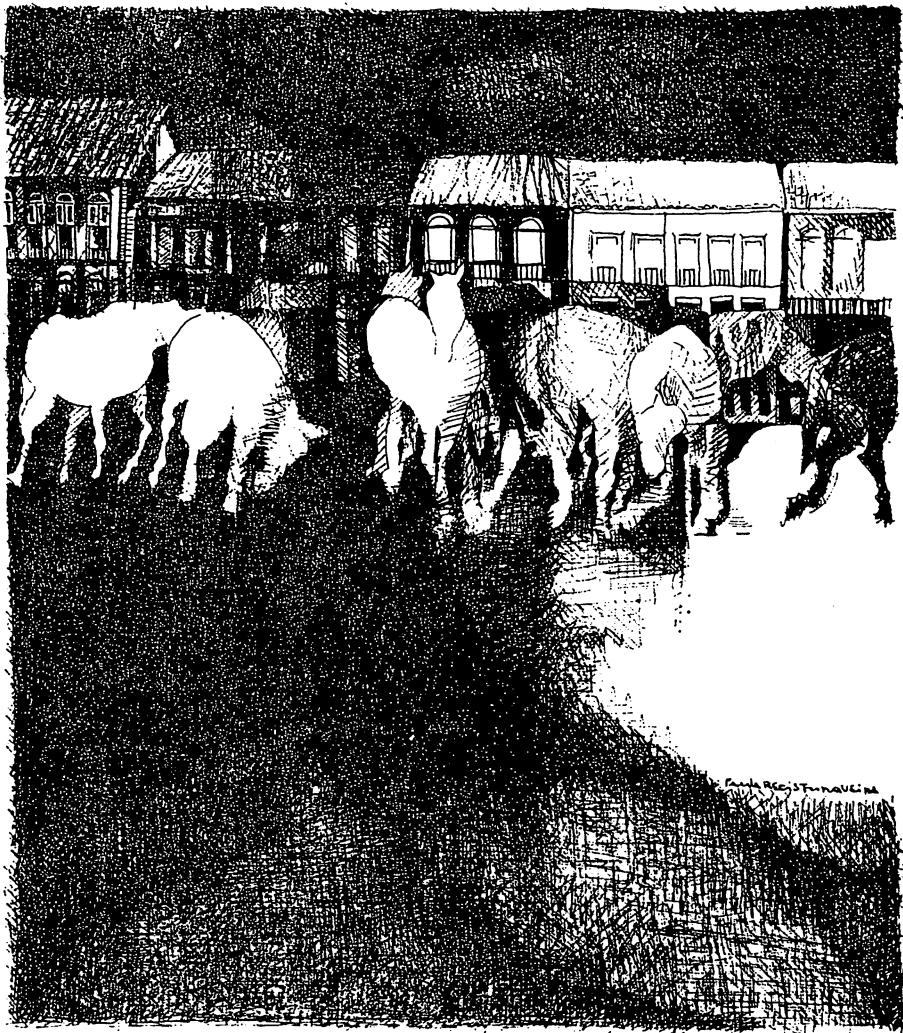
E os dias foram passando. Nesse meio-tempo a cidade andou engolindo silêncios, as ruas ficando vazias, os pássaros desaparecendo... De vez em quando um grito ecoava longínquo, um grito rouco que levava todas as pessoas às janelas dos edifícios para espiar. Depois, tudo voltava ao normal, e os postes continuavam suas estranhas funções de sustentar as obscuras consciências dependuradas nos seus braços...



Passados dois meses e já não se ouvia mais falar de Cavalos Azuis. Parece que a cidade se esqueceu totalmente que eles existiam e até ela própria se esqueceu que existia. A gente percebia isto até na morbidez do sorriso das ruas, mostrando seus dentes de concreto. A cidade então passou a

ser um campo deserto, cemitério de sorrisos antigos, a exigir
mais silêncios, mais velórios...

•



Arco-íris eu sempre dizia que era azul. Não sei se você se lembra, a gente sonhava com coisas deste tipo até o dia em que um dos Cavalos chegou. No começo eu achava tudo esquisito. Ficava pensando porque ele tinha de ser daquela cor, como num sonho, desigual dos outros. Não acreditava no que ouvia, mas ele me olhava de tal maneira que não precisaria ter falado nada comigo.

Outro dia você me disse para guardar o segredo. Fiquei pensando porque tinha que acontecer aquilo, justamente com nós dois. Havia tantas pessoas mais velhas no mundo. E depois, as manhãs da cidade deixaram a gente zonzos de mistério. Você foi ficando triste, chegou até a chorar numa tarde sem arco-íris e ante-véspera de chuva. Engraçado que foi nesse dia que compreendi o que era o Cavalo Azul, porque ele nos levou até o paiol, porque tínhamos que ser nós os escolhidos e você gritando e sorrindo e dizendo que não era pra mim ficar com medo, para te abraçar com mais força e sufocá-la de tanto amor até que meus braços se arreventassem e você dizendo que era pra mim te morder, timbrar teu corpo com os dentes, como faziam os cavalos azuis.